

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO

Luzia Gontijo Rodrigues *

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*.
Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Conta uma anedota que, a partir de certa altura de trajetória de sucesso, Picasso descobriu que não podia mais assinar cheques, pois qualquer pedaço de papel por ele assinado ou simplesmente rabiscado era sedentamente disputado e podia ser vendido por valor muitas vezes superior àquele nominalmente expresso no cheque. Em se tratando de um ser de mãos inquietas, tal “maldição de Midas” denuncia algo da face trágica do destino desses grandes criadores, por um lado soberanos por outro escravos de si mesmos, ou da imagem que se tornaram. Talvez, dentre os filósofos, de poucos se possa dizer tão marcados por essa sina quanto Friedrich Nietzsche. Por outro lado, como lembra Max Baeumer em um

texto sobre Nietzsche e o dionisíaco, o próprio filósofo contribuiu em muito para que se disseminasse toda essa mística em torno de seu nome, mesmo que sua intenção não fosse esta. A questão do dionisíaco é emblemática desse quadro: ao se afirmar reiteradamente como o descobridor desse fenômeno e aquele que, pela primeira vez, o teria tomado a sério, Nietzsche contribuiu para que muito da história desse conceito no romantismo alemão do século XIX permanecesse no esquecimento. O mesmo poderia ser dito de seu *Assim*

* Luzia Gontijo Rodrigues é formada em História pela UFMG e doutora em filosofia pela UNCAMP. E-mail: lgontijo@planetarium.com.br

falou Zarathustra, obra sempre capaz de arregimentar multidões de entusiastas e de lotar auditórios em congressos muitas vezes tão desinteressantes.

Justamente contra essa unanimidade suspeita torna-se tão fundamental chamar atenção para o tema Nietzsche e a Educação, proposto como título desse livro recentemente lançado pela editora Autêntica, reunindo três ensaios de Jorge Larrosa. O próprio autor distingue-os como leituras de alguns “motivos nietzscheanos”, no sentido musical do termo “motivo”, tal como Villa Lobos fez com Bach em suas *Bachianas*. No primeiro ensaio ele propõe-se a perseguir o motivo da leitura em alguns textos de Nietzsche: “Ler em direção ao desconhecido. Para além da hermenêutica” contrapõe o papel da leitura no contexto da educação humanística, “como dispositivo para conservação da tradição” e aquilo que o autor considera ser o desmonte dos pressupostos hermenêuticos dessa velha forma de educação, efetuado por Nietzsche. O segundo ensaio tem como eixo central o motivo nietzscheano “como se chega a ser o que se é”, a partir de suas diversas aparições em textos como na terceira das *Considerações extemporâneas*, “Schopenhauer como educador”, de 1874; em *A gaia ciência*, de 1882 e *Assim falou Zarathustra*, escrito entre 1883 e 1885.

Larrosa lembra, muito pertinentemente, que essa sentença pode ser desdobrada em inúmeras outras, recorrentes na obra de Nietzsche e que traduziriam seu projeto de educação: “buscar-se a si próprio”; “cultivar-se a si próprio”; “conhecer-se a si mesmo”. Talvez o ponto mais importante desse ensaio, se não do livro inteiro, ocorre aqui, quando esse motivo é conectado ao projeto nietzscheano de formação (*Bildung*), o qual correria paralelo à crítica do filósofo à cultura de sua época e seu projeto educacional. Justamente esse ensaio remete-nos à enorme carência atual de obras e autores que tragam ao debate filosófico o tema da educação, da formação e da cultura, no fundo um só tema. Remete-nos, inevitavelmente, ao auspicioso relançamento de uma obra como *Nietzsche educador*, da filósofa Rosa Maria Dias, reeditado agora pela Scipione. Larrosa explora pouco justamente esse pensamento central do programa nietzscheano para a cultura: a necessidade da educação para a autodisciplina, para o autoconhecimento e autodomínio, se se quer trabalhar em favor do fortalecimento da cultura e não contribuir para sua massificação e para o correlato “apequenamento do homem” (*Verkleinerung des Menschen*).

O terceiro ensaio do livro, embora propondo-se a ser uma leitura do célebre “Discurso da três metamorfoses”, de

Assim falou Zaratustra, apresenta-se como aquele onde menos podemos ouvir o próprio Nietzsche. O autor mesmo diz no início tratar-se aí da construção de uma narrativa, cujo protagonista é o sujeito, tal como este se constituiu na modernidade, a partir do conceito de liberdade. Para isso ele lança mão de uma contraposição entre o texto de Kant “Que é a Ilustração?” e a já referida passagem do Zaratustra, considerando que a maioria proposta e defendida por Kant se oporia frontalmente àquela defendida por Nietzsche ao caracterizar a criança como última das metamorfoses. Infelizmente não seria possível aqui debater detalhadamente essa duvidosa construção do autor. Fica, no entanto, sugerido e proposto para educadores e interessados no debate filosófico em questão um importantíssimo veio de pesquisa: estaria mesmo Nietzsche em tão oposta distância da proposta kantiana da liberdade como obediência a uma força legisladora própria (auto-nomos)? Não seria digna de atenção a abordagem nietzscheana dos filósofos-legisladores, como a que vemos em *Para além de bem e mal*? Não estaria tal abordagem em absoluta consonância com a tradição dos grandes filósofos-moralistas, aqueles que se propõem a tarefa de intervir em sua época e cultura, criticando o sistema dominante de formação e o cultivo, por este, do homem domesticado, dócil, servil

ao Estado e às Instituições? Não seria a repetida contraposição instaurada por Nietzsche em sua obra entre domesticação (*Zähmung*) e cultivo (*Züchtung*) — neste último estando implicado exatamente o “torna-te aquele que tu és”, o “educa-te a ti mesmo” — uma contraposição que ressoa insuspeita herança kantiana?

Caberia ainda apenas chamar atenção do leitor para que esteja alerta quanto às traduções das passagens de Nietzsche citadas por Larrosa. O autor emprega basicamente, como informam suas notas e bibliografia, as excelentes traduções para o espanhol de Andrés Sánchez Pascual, da editora Alianza, de Madri. No entanto, a tradutora de Larrosa provavelmente não teve o cuidado de checar as traduções de Nietzsche, comparando-as, por exemplo, com as boas traduções brasileiras de Paulo César de Souza ou Rubens Rodrigues Torres Filho. De qualquer forma, no caso de *O anticristo*, não existe tradução brasileira completa, apenas as passagens traduzidas por Torres Filho para o volume “Nietzsche” da coleção *Os Pensadores*, dentre as quais não se inclui o Prefácio, do qual Larrosa cita uma passagem, na página 43. Deve-se substituir aí a palavra “valor” (logo esta, com tantas implicações em Nietzsche!), repetida duas vezes, por “coragem” (*Mut*, no original), conceito fundamental para

se compreender a “grande coragem trágica”. Deslize este graças ao fato de “valor” em espanhol significar “coragem”, mas não se pode supor tal leitura em português. A outra passagem problemática é a citada na página 63, referente ao parágrafo 335 de *A gata ciência* e que chega a ficar incompreensível como está: onde se lê “todos os que põem à prova, os rins dos homens”, que se leia “é o que sabe todo escrutador das entranhas, para seu próprio desgosto”, como o traduz Paulo César de Souza na edição da obra da Cia. das Letras, esclarecendo em nota que o termo empregado por Nietzsche, *Nierenprüfer*, é formado a partir da expressão alemã *auf Herz und Nieren prüfen*, “examinar no coração e nos rins”, isto é, minuciosamente. Que o leitor, se possível, cheque todas as citações com o original ou nas referidas traduções brasileiras.

Data de recebimento: 15 de junho de 2003

Data de aprovação: 20 de junho de 2003